

## DIALOGANDO CONCEPÇÕES: O QUE É SER UM “BOM PROFESSOR DE EJA”?

*Deborah da Silva Santos*  
UESB / GEHFTIM / FORMATE  
Deborah.drh@hotmail.com

*Maria Lúcia Oliveira Mendes de Souza*  
UESB / GEHFTIM  
Ma.lu.ci@hotmail.com

*Daniela Rocha dos Santos*  
UESB / GEHFTIM  
Rochadanni73@gmail.com

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo discutir as concepções de alunos e professores sobre o que é ser um “bom professor”, cujas interpretações estão baseadas na obra *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 1996), referente às exigências para uma prática docente libertadora e autônoma. Este trabalho foi desenvolvido em um Colégio Municipal de Jequié - Ba, utilizando-se de observações e entrevistas semiestruturadas com professores e alunos da Educação de Jovens e Adultos. Este estudo indica a necessidade de respeito ao conhecimento que o aluno traz para a escola, visto ser ele um sujeito social e histórico, evidenciando a compreensão de que “formar” é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de “destrezas”. Na concepção *freiriana*, autonomia é a competência e a independência de construir e reconstruir o que lhe é ensinado, nessa perspectiva a criticidade estimula a curiosidade epistemológica, capaz de permitir a abertura de novas esferas de compreensão.

**Palavras chave:** Aluno. Concepções. Professor.

### Introdução

A questão sobre ser um “bom professor” sempre esteve presente em nossas discussões durante as aulas no curso de Pedagogia, em especial na disciplina de EJA. Quando adentramos nas discussões desta disciplina, sentimos ainda mais a necessidade de se investigar sobre como se dava na prática o ensino desses professores. Nesse ínterim, tivemos contato com a obra *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 1996), que nos convida a pensar sobre os saberes necessários ao trabalho docente, tais como: criticidade, novidade, metodologia, estética e ética, respeito, reconhecimento cultura e pesquisa.

Assim, durante os estudos sobre a EJA, parte do currículo do curso de Pedagogia, provocadas pelas questões que envolvem essa modalidade de ensino, decidimos discutir as concepções de alunos e professores sobre o que é ser um “bom professor”, cujas interpretações estão baseadas na obra *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 1996), referente às exigências para uma prática docente libertadora e autônoma.

Este trabalho foi desenvolvido em um Colégio Municipal de Jequié - Ba, utilizando-se de observações e entrevistas semiestruturadas com professores e alunos das séries iniciais da Educação de Jovens e Adultos no município de Jequié - BA, entendendo autonomia como Freire evidência, sendo a competência e a independência de construir e reconstruir o que lhe é ensinado, nessa perspectiva a criticidade estimula a curiosidade epistemológica, capaz de permitir a abertura de novas esferas de compreensão.

Nesse estudo, propomos refletir sobre o conceito de autonomia, extraído do livro *Pedagogia da autonomia* de Paulo Freire, pela Editora Paz e Terra, 1996. O que inquietou foram as discussões desencadeadas dentro da sala aula, além do desejo de evidenciar a necessidade de respeito ao conhecimento que o aluno traz para a escola.

## Quem são os autores do EJA?

Conforme o Parecer CNE (2000), “A EJA, de acordo com a Lei 9.394/96, passando a ser uma modalidade da educação básica nas etapas do ensino fundamental e médio, usufrui de uma especificidade própria que, como tal, deveria receber um tratamento consequente”. Esta afirmação do Parecer CNE nos leva a refletir que os alunos do ensino de EJA têm os mesmos direitos dos outros do ensino regular. Os alunos da EJA são jovens, adultos e idosos que não puderam ingressar na escola na idade regular determinada pela Resolução da Educação Básica obrigatória dos 4 aos 17 anos, então pelos usos de seus direitos, essas pessoas podem retornar à escola estudando em um tempo menor e garantindo o seu espaço na sala de aula.

Paulo Freire (1999, p. 57), a escola deve se adequar a realidade do aluno, trazendo os conteúdos de uma forma acessível e não mais aqueles temas enrijecidos e pragmáticos, comparando o ensino com uma *educação bancária*. Seguindo o viés Marxista, Freire aponta em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1999) a diferença de classes na sociedade que também

reflete na educação, uma vez que, o sistema utiliza de recursos para que o aluno não reflita sobre o mundo, mas continue aderindo a conteúdos que não os leva a uma criticidade.

De acordo com a Lei Nº 9.394, a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. Por lei, o sistema de ensino para esse público é gratuito, deve propiciar oportunidades apropriadas, considerando suas características, seus interesses, condições de vida e de trabalho, estimulando e garantindo o acesso e a permanência desse alunado.

### **“O bom professor”: O que pensam os professores e alunos da EJA?**

Por meio dos estudos podemos compreender na prática de um “bom professor” a aprendizagem precisa ser intencional, na modalidade de EJA não é distinto, a aprendizagem deve ser oferecida metodicamente e por meio de exercícios sistemáticos dentro âmbito escolar. Entretanto, para que ela aconteça é necessário que ela seja ativa e inteligível, de modo que possibilite ao educando a iluminação da realidade e que ele consiga assimilar os conteúdos socioculturais propostos. Do contrário, esta aprendizagem se torna apenas reflexa, garantindo somente a memorização de resumos dos conhecimentos obtidos, não ampliando o espaço de reflexão e, dessa forma, esta aprendizagem acaba sendo insuficiente ou quase nula para o desenvolvimento do educando (LUCKESI, 1998). Outro aspecto importante da questão do trabalho docente é sobre como ocorre a valorização das diferenças encontradas em sala de aula. Toda metodologia utilizada pelo educador precisa atender às necessidades dos estudantes de forma significativa e, principalmente, sem desconsiderar seus conhecimentos prévios e suas diversidades culturais. Luckesi (1998, p. 133) afirma que, “na prática escolar, a cultura elaborada deve retomar o cotidiano e manter com ele uma continuidade, mas também deve romper com ele na medida em que o reelabora.”.

O professor entrevistado, D. C. C., 54 anos de idade, trabalhou em uma turma multisseriada durante doze anos em uma escola do campo e paralelamente trabalhou e trabalha atualmente na educação de jovens e adultos, totalizando dezoito anos de carreira na docência. Na instituição em que realizamos a pesquisa ele trabalha há 6 anos. Formado pela

UESB, atualmente ensina sete alunos que estão frequentando em sua turma de dezenove discentes matriculados, ser um “bom professor de EJA” em sua concepção é,

... poder ter a condição independente do sistema que é oferecido, é você primeiro ter amor ao que faz, gostar de verdade, procurando sempre dar o seu melhor, tendo conhecimento e estar sempre se atualizando, exige uma formação continuada, estando sempre respaldado pela teoria. Tendo uma base um espírito de busca, levando em consideração as condições e a heterogeneidade existente dentro da sala de aula. Enfim, ter amor ao que faz, ter conhecimento, ter a condição de pesquisador, são princípios para ser um “bom professor de EJA”. Eu avalio os meus alunos, como pessoas que querem muito aprender a ler e escrever, estão sempre lutando, sentem vontade e acreditam que podem. Cada um apresenta um desejo, uma motivação para estar aqui, e eu me esforço para contribuir nesse processo. Eu acredito que a EJA necessita de uma atenção especial, para reverter esse quadro de evasão, começando da matrícula, buscando artifícios para que eles não desistam. Na matrícula, poderia ser feita uma entrevista aprimorada, que depois facilita-se a busca desse aluno, mas isso não é feito, esse aluno sai e fica por isso mesmo, acabamos deixando de lado já que ninguém quer ter trabalho extra.

Quando questionamos sobre sua forma de trabalhar com essa modalidade de ensino, o mesmo nos disse:

Procuro trabalhar na perspectiva da andragogia, para não estar aqui na prática infantilizando as metodologias na hora de trabalhar com os jovens e adultos, buscando sempre trabalhar com a realidade deles, com temas, atividades e intervenções significativas e contextualizadas, para que assim o processo flua. A gente enfrenta muitas dificuldades, mas vale a pena, é muito gratificante, procuro inovar todos os dias, observando a prática e fazendo as mudanças necessárias, acho fundamental.

Em sua prática, o professor entrevistado utiliza de um saber destacado como necessário por Freire (1996): o rigor metódico e intelectual que o educador deve desenvolver em si próprio, como pesquisador, sujeito curioso, que busca o saber e o assimila de uma forma crítica, não ingênua, com questionamentos, e orienta seus educandos a seguirem também essa linha metodológica de estudar e entender o mundo, relacionando os

conhecimentos adquiridos com a realidade de sua vida, sua cidade, seu meio social. Afirma que “não há ensino sem pesquisa nem pesquisa sem ensino” (FREIRE, 1996, p. 32). Esse pesquisar, buscar e compreender criticamente só ocorrerá se o professor souber pensar. Para Freire, saber pensar é duvidar de suas próprias certezas, questionar suas verdades.

Por tudo isso, Freire parece considerar a autonomia como o ponto de equilíbrio capaz de estabelecer a legitimidade de ambos: do professor e do aluno. Nesse sentido, a autonomia é compreendida pelo autor como um processo dialético de construção da subjetividade individual, que depende das relações interpessoais desenvolvidas no espaço vivencial. Consiste no amadurecimento dos seres para si, que, como autêntico vir a ser, não ocorre em data marcada (FREIRE, 1996, p.121).

Freire assevera que a construção da autonomia precisa “estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade” (FREIRE, 1996, p. 121), valendo dizer, a autonomia para Freire está centrada “em experiências respeitadas da liberdade” (FREIRE, 1996, p. 121). Tais experiências permitem o desenvolvimento da subjetividade autônoma, elementar para a instauração das relações entre liberdade e autoridade em patamares respeitosos do outro, no interior das salas de aula.

Ensejamos que tanto o educando, quanto educador, devam ser autônomos e estarem aptos para construir seu próprio conhecimento através do compartilhamento dos saberes coerentes e permeáveis à mudança. Freire foi muito feliz ao atentar-se para importância de se combater e ser vigilante em relação a qualquer forma de discriminação e desumanização. É necessário no trabalho docente ter a convicção da importância de se pesquisar, de ser capaz de praticar a ação, refletir sobre a mesma e retornar a prática com novos resultados e novas possibilidades, respeitando decentemente os saberes dos educandos e os utilizando de forma produtiva e agregadora. Para Freire, pois, é possível mudar o mundo, não somente através da educação, mas também por meio das relações sociais. Para que haja uma melhor aquisição de conhecimento é necessário mediação e oportunidade, pois é evidente que a educação não é igualitária, já que os pertencentes à classe dominante possuem maior respaldo e condições favoráveis em relação à classe dominada.

Consideramos fundamentais para a prática docente o que Freire aponta, “não há docência sem discência” (p. 23), pois “quem forma se forma e reforma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (p.25). Dessa forma, o professor entrevistado

deixa claro que o ensino não depende exclusivamente do professor, assim como aprendizagem não é algo que tem como alvo apenas o aluno. Na compreensão de Freire “não há docência sem discência, as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender” (p. 25).

Justifica assim o pensamento de que o professor não é superior, melhor ou mais inteligente, porque domina conhecimentos que o educando ainda não domina, mas é, como o aluno, participante do mesmo processo da construção da aprendizagem.

Diante da concepção do professor e do que Paulo Freire escreve, entendemos o público da EJA com suas especificidades, que chegam trazendo suas experiências de vida, e diante disso nesse ambiente ocorre uma troca de aprendizagens entre eles e o professor, que se encontra na condição de mediador, um processo de interação e trocas que devem ser contextualizadas.

De acordo o professor D.C. C., devemos “trabalhar a todo instante o processo de alfabetização e letramento, para que eles possam se apropriar, entendendo a função social da leitura e da escrita, compreendendo esse valor social necessário”.

Quando questionamos sobre as maiores dificuldade que os alunos da EJA encontram para estar na escola, o docente nos disse:

Eles possuem diversas dificuldades para estar aqui, tem os chamados fatores etiológicos sociais, que são as dificuldades comuns da vida que os alunos possuem, são causas que muitas vezes atrapalham o processo, ocasionando o auto índice de evasão. Enfrentam problemas de saúde, o desemprego, as vezes enfrentam a pressão do empregador, problemas familiares, a distância, a pobreza, a acessibilidade, a violência, mães que não tem com quem deixar seus filhos e não recebem um apoio, durante o dia temos a creche, mas e a noite? Entre outros fatores que contribuem para o elevado índice de evasão, precisando da real preparação da escola para receber esses jovens e adultos, compreendo as diferenças de cada modalidade de ensino, muitas vezes temos o nosso material expostos na sala que são retirados pelas alunos da manhã e da tarde, não temos espaço para o nosso material didático e produções.  
(PROFESSOR D.C. C.).

Os educadores se encontram diante de um desafio que não haviam estado em situação semelhante na história da humanidade, pois estão inseridos em um mundo saturado de informações que exige a aprendizagem da arte de viver, exprimindo uma difícil tarefa que é educar o ser humano nesse novo contexto atual, por conta da gravidade dos desafios explícitos, como por exemplo o alto índice de desrespeito, indisciplina, relações marcadas por estresse, intolerância, agressividade, diversas violências, desmotivação por parte dos alunos e professores. Na modalidade da EJA não é diferente, o professor deve estabelecer formas democráticas de pesquisa e de comunicação, para que assim o sistema educacional enrijecido e colonizador seja vencido, entendo que é fundamental levar em consideração fatores sociais, culturais e econômicos, que podem influenciar positivamente ou negativamente a formação dos seres humanos, principalmente na perspectiva da sala de aula, um ambiente multifacetado.

O aluno entrevistado foi C. V. de 47 anos. Ele relatou que quando criança, seu processo de alfabetização aconteceu de maneira fragmentada devido às dificuldades enfrentadas por sua família, que era muito carente e por conta disso seu pai lhe obrigou a sair da escola para trabalhar com ele na roça, prejudicando o seu aprendizado.

O processo de aquisição da leitura e da escrita é de suma importância, por se tratar de uma manifestação característica da condição humana e que de acordo Paulo Freire (2005), é capaz de transformar o mundo, pois desperta um olhar crítico sobre as coisas norteadoras pertencentes à realidade.

Diante da afirmativa supracitada, perguntamos como o aluno teve conhecimento da modalidade de ensino da EJA e qual/como foi seu primeiro contato?

Foi quando eu não sabia nada do estudo e precisei bastante e ainda preciso, antigamente era mobral, hoje que é EJA, eu não tive oportunidade de estudar quando era novo, porque meus pai me tiraram para trabalhar em roça, devido ao trabalho não deu para estudar quando era novo e estou na luta, com fé em Deus e continuar e não desistir, sempre continuar na EJA, eu adoro sobre isso aí de estuda, eu gosto bastante. Primeiro foi a vontade de estudar e a precisão, através dos colegas que me incentivava muito, inclusive a pessoa tem uma memória assim para aprender, eu já estudei lá em S. Paulo no ano passado e por isso que quando cheguei aqui me matriculei logo na EJA, estou muito contente e pretendo não desistir. (ALUNO C. V.).

As crianças/adultos quando chegam à escola pela primeira vez, já trazem consigo um conhecimento prévio. Carlos Cagliari (2009), vai dizer que a criança quer trabalhando, quer brincando elas sabem o que fazem, tomam iniciativas de participar das atividades propostas e sabem se virar muito bem, não se intimidando diante do novo. Como podemos observar logo abaixo:

O que fizeram vocês voltarem a estudar? houve algum motivo específico?

A vontade de aprender ler e escrever, a dificuldade em tomar ônibus, e pela necessidade de tirar a carta de habilitação que não tenho, e pela questão de não saber ler e para tirar a habilitação é preciso fazer uma prova, lá em S. Paulo eu tinha uma moto e fui pego por não ter a habilitação. Como eu já falei antes, estudei só um pouco quando era criança, não foi um ano correto, estudava um mês, dois meses e desistia e isso atrapalhava meus estudos aí tive que abandonar a escola para ir ajudar meu pai. Voltar a sala de aula depois de adulto, no começo você se sente assim meio constrangido devido a idade, mas volta tudo assim como se fosse criança pelo fato de ter que trazer meu filho também para a escola e isso incentiva mais a ele estudar e a mim também, no começo a gente fica meio cabreiro um pouco, mas a gente vai fazendo amizade com os alunos aí vai melhorando um pouco. (ALUNO C. V.).

Diante da fala de um dos alunos, a criança/adulto traz consigo o desejo de aprender ela enfrenta todos os obstáculos para que esse aprendizado aconteça, como podemos ver no fragmento abaixo:

A vontade da criança ou do adulto é imprescindível para que o aprendizado seja real e integrado à própria vida. Seja um cálculo de aritmética ou seja uma habilidade manual, a determinação de aprender é que faz com que as mesmas sejam aprendidas. (TEIXEIRA, 1978. P. 66).

Em geral, a escola deve tomar cuidado para não matar os sonhos das crianças, desmotivando-as ou ignorando os seus conhecimentos prévios, interpretando de maneira errônea a realidade das crianças, bem como não respeitando o seu modo de pensar. Quando a criança chega à escola ela traz consigo muitos sonhos, um deles é a vontade de aprender, como notório na fala anterior.

Para vocês o que é ser um bom professor de EJA? E o conteúdo trabalhado na sala de aula pelo professor condiz com a realidade de vocês no dia a dia?

Desde quando ele tem já a profissão dele de professor, eu acho que é um professor normal igualmente para criança, e sempre trazer a vontade de ensinar porque é a profissão dele, ele escolheu isso, tanto o professor quanto a professora. Os textos que ele passa pra nós sobre lá no mercado de trabalho, como ele explica pra nós é tudo maravilhoso. O professor precisa ajudar os alunos a desenvolver seu potencial dentro de suas possibilidades e limitações, praticando a pedagogia da compreensão e lutando contra a intolerância e a desvalorização dos menos inteligentes, buscando sempre a inclusão. (ALUNO C. V.).

No mundo mutável da modernidade líquida, essencialmente imprevisível das mudanças contemporâneas, a durabilidade já não é um fator favorável, quando a utilidade atinge um tempo fixo é eliminada e se torna inútil, gerando desafios que afligem a essência da pedagogia, a qual deve propiciar um tipo de conhecimento pronto para utilização imediata e, sucessivamente, para sua imediata eliminação, causando certo desequilíbrio cognitivo, no qual os conhecimentos são absorvidos e sem ser compreendidos cabalmente são excluídos, e por não serem prioridade não permanecem na nossa memória, sendo uma sucessão infinita de novos inícios, pois o conhecimento já aprendido não serve para o posterior. Uma constante que precisa ser trabalhada pelo professor.

Em sua opinião, o tempo de não ter estudado antes te prejudicou de qual maneira?

Sim, com certeza prejudicou bastante. De uma maneira no dia a dia, a gente vem precisando as coisas vai evoluindo, até no momento que não tive como estudar que eu era adolescente criança, eu não pensava que todo eles, aqueles que talvez não estudou que mais pra frente ia ser diferente, vinha essa mudança, de tudo entendeu, você passa uma dificuldade bastante por não ter o estudo e isso me prejudicou.

Partindo da necessidade que a criança tem de aprender a escola deve organizar experiências reais e socializadoras para que ela possa desenvolver suas habilidades de maneira frutuosa, motivando-a a enfrentar todos os obstáculos para que esse aprendizado aconteça, como podemos observar nos escritos a seguir:

A vontade da criança ou do adulto é imprescindível para que o aprendizado seja real e integrado à própria vida. Seja um cálculo de aritmética, ou seja, uma habilidade manual, a determinação de aprender é que faz com que as mesmas sejam aprendidas. (TEIXEIRA, 1978, p. 66).

Um professor que muda as regras do jogo, a seu critério, com o intuito de facilitar o trabalho dos alunos, pode, em vez de ajudar, atrapalhar o aprendizado. É fundamental que a leitura do mundo preceda a leitura da palavra, é que em todo o processo de ensino e aprendizagem exista respeito mútuo.

Vocês tinham alguma noção sobre a escrita e leitura? Qual o papel do professor nesse sentido para vocês?

Eu tinha bem pouquinho entendeu, aí através do estudo que a gente vai desenvolvendo cada vez mais, na leitura, na escrita. Acho um papel muito bom desde que ele como professor foi aprender e procurar ensinar tudo certinho e eu como aluno tenho que corrigir o que está errado e ele explicar pra mim o que é certo e eu escrever certo e lê certo. (ALUNO C. V.).

Entender a alfabetização no Brasil é fundamental, com base no texto “Alfabetização no Brasil: problema mal compreendido, problema mal resolvido” de Alceu Ferraro (2014), é possível compreender o sentido da alfabetização inicial nas políticas públicas no Brasil, se atentando aos marcos da história, como o direito ao voto que era restringido, sendo proibidas de votar as pessoas consideradas analfabetas, sendo considerados “doentes”, estigmatizados e, conseqüentemente excluídos.

Diante da afirmação supracitada, é necessário ressaltar a necessidade de entender a Alfabetização como algo político, que leva em consideração aspectos de cor, gênero, regionalidade, idade e classe social. Um ato político demarcado por injustiças sociais, as pessoas analfabetas ou alfabetizados como diria o escritor Paulo Freire, são massa de manobra, uma ação completamente pensado para o processo de manipulação dessa massa e que exige uma nova formatação de ensino, buscando o processo de alfabetização e conscientização.

Devemos ressaltar que tanto o analfabeto adulto quanto a criança sabem mesmo antes de chegar à escola, eles têm ideias sobre a escrita, imaginam que as letras se articulam para formar uma palavra, ao fazer as garatujas e desenhos a criança/adulto idealiza uma escrita. Na

educação podemos ajudar a desenvolver o potencial de cada aluno, valorizando-o e mostrando que ele é capaz fazendo com que ele não se sinta excluído, ajudando-o a desenvolver sua autoestima para que ele passe a acreditar mais em si, percebendo e aceitando o seu valor pessoal e dos outros.

O capital cultural é uma abordagem criada por Pierre Bourdieu, que serve como um instrumento analítico capaz de classificar os sujeitos sociais e suas práticas culturais e educativas, propiciando uma apreensão das relações com base nas diferenças de capitais associados às posições sociais. Os educadores precisam trabalhar na perspectiva que Maria Carmem Silveira Barbosa afirma,

É preciso romper com o silêncio sobre as diferentes culturas e dar-lhes visibilidade e reconhecimento, fazer dialogar, interagir, comunicar as culturas, desmoronar atitudes etnocêntricas, criando um espaço intercultural. Talvez a experiência acumulada pelos estudos sobre educação indígena possa servir de apoio para pensarmos a “escola para todos” no país continental e com perspectiva intercultural. Uma das expectativas interessantes para essa rearticulação entre culturas e os perfis individuais culturais estão cada vez mais compostos de elementos dissonantes, isto é, estamos cada vez mais híbridos. (BARBOSA, 2007, p. 1075).

Para contemplar as discussões já argumentadas é preciso compreender que existe a necessidade de estabelecer articulações entre os impasses na escolarização, tirando os indivíduos da condição de objeto, sem desqualificar qualquer tipo de conhecimento, formas de cultura e de estilo de viver, entendendo que a pessoa possui por si só a sua cultura e seus conhecimentos prévios, não sendo uma tábula rasa como afirma John Locke.

## **O que pensa o funcionário da instituição sobre “um bom professor de EJA”?**

A Constituição Federal de 1988, representou um marco na trajetória de luta por direitos civis, políticos e sociais, pois universalizou vários direitos, entre eles, a educação e a saúde. O plebiscito, o referendo, a iniciativa popular, os conselhos gestores e a participação paritária da sociedade civil foram instrumentos de democracia consolidados pela Carta

Magna, a qual exerceu um papel fundamental ao desenvolver essas instrumentalizações de democracia participativa. Ouvir o que pensa um funcionário da instituição é fundante, pois trata-se de alguém importante e fundamental para o bom desempenho das atividades e do funcionamento do ambiente escolar, são as partes que compõem o todo.

O funcionário entrevistado é o Sr. Roberto (nome fictício), trabalha na escola há 08 meses, nos turnos vespertino e noturno, tem mais ou menos 52 anos e essa é a sua primeira experiência como porteiro de uma escola.

Quando perguntamos sobre como ele avaliaria os professores da EJA daquela escola, o mesmo disse: “Os professores daqui são muito bons, são prestativos, mantêm os horários certinhos, ficam aqui até mais tarde e não gostam quando os alunos vão embora cedo. De fato, eles trabalham por amor”.

Questionamos se ele já havia terminado os estudos e Sr. Roberto nos relatou que “não”, acrescentando que:

Quando mais novo eu viajei muito, saía de um estado para outro e não pude concluir os meus estudos direitinho. Quando morei no Rio não tinha escola perto e acabei não estudando, voltei pra Bahia arrumei uma namorada que era muito ciumenta e não deixava eu estudar, agora ela é pedagoga e fica me insistindo para voltar, mas eu não quero mais não.

De acordo com o Parecer CNE/CEB 11/2000 a formação dos docentes de qualquer nível ou modalidade deve considerar como meta o disposto no art. 22 da LDB. Ela estipula que a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores, no caso do funcionário a lei dispõe de oportunidades, mas é necessário um encorajamento para adentrar o ambiente escolar como um aluno na turma de EJA, para depois de formado exercer sua cidadania alfabetizado, com meios de progredir no trabalho.

Este fim, voltado para todo e qualquer estudante, seja para evitar discriminações, seja para atender o próprio art. 61 da mesma LDB, é claro a este respeito: a formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase de desenvolvimento do educando.

Perguntamos ao funcionário se ele tinha vontade de estudar novamente e ele relatou que,

Até tenho, não sei se as coisas ainda entram na minha cabeça, mas eu gosto muito de ler, discutir sobre política, gosto de debater. Sei tudo que tá acontecendo nos Estados Unidos, gosto de acompanhar essas coisas tudo. Eu até penso em estudar, mas como estou trabalhando não posso.

É de extrema importância que todos os atuantes do contexto escolar (professores, alunos, diretores, entre outros) reconheçam a escola como uma instituição totalmente interligada à sociedade. Nesse processo a avaliação em torno da aprendizagem deve estar centralizada em investigar de forma consciente se está ocorrendo a formação de cidadãos e cidadãs que realmente se importem e consigam doar sua parcela de contribuição para o desenvolvimento da sua nação nos mais diversos seguimentos da sociedade.

Perguntamos ao Sr. Roberto como ele avaliaria a estrutura da escola, o mesmo me disse que,

Assim, a noite aqui é mais perigoso. Tem muitos alunos aqui que são inteligentes e gostam de estudar, outros vem pra ficar aqui fora fumando e tem outros que só vem pela comida. Os mais interessados aqui são as mulheres, elas gostam mesmo de estudar.

A gestão escolar além de técnica, assume uma postura política, ligada a projetos, pesquisa, coletividade, engajamento teórico e, principalmente prático. Exige articulação, responsabilidade e cumplicidade, pois se trata de uma área que necessita de total participação consciente e esclarecida, já que o gestor tomará as decisões, que não devem ser elitistas e individualistas, mas sim democrática e aberta aos pensamentos divergentes e a mudanças, procurando práticas que conduzam para um processo de gestão eficiente.

Diante da análise dessas entrevistas, podemos perceber através da sua visão enquanto funcionário sobre a concepção principal deste trabalho, “o que é ser um bom professor de EJA?”, ele deixa explícito sobre a realidade local da escola, o quanto os professores correm riscos, mas não desistem da sua profissão. Percebemos um pouco dos escritos das obras de Paulo Freire nesta realidade, reconhecendo que não existem professores perfeitos, mas existem aqueles que lutam pela pelo crescimento e aprendizagem dos seus alunos.

A gestão escolar é o elemento constitutivo e essencial da base educacional, por estar diretamente ligada em todas as decisões tomadas dentro do ambiente escolar, influenciando o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo, etc., do ser que está em processo de formação. A criança não aprende somente dentro da sala de aula, mas dentro da escola toda, então a forma como a mesma é organizada infere diretamente no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, daí a necessidade de o planejamento ser feito em conjunto, levando em consideração a realidade dos alunos, professores, funcionários, da comunidade e o entorno da escola, todos esses agentes e fatores contribuem para constituição de “um bom professor de EJA”.

## Considerações Finais

Paulo Freire certamente nos deixa uma definição precisa do conceito de autonomia conquanto, consideramos que na *práxis*, no “chão da escola”, a realidade pode não corresponder aos anseios *freirianos*. Diante dos nossos estudos e do processo de pesquisa, na nossa concepção ser “um bom professor de EJA” é ser um professor inquieto e pesquisador, que tenha um olhar voltado para o processo de ensino e aprendizagem, que possa estar inserido no contexto da sala de aula disposto a sempre aprender e, acima de tudo não esquecer da afetividade, ousando novas perspectivas, quebrando com modelos pré-estabelecidos, descobrindo novas maneiras de lidar e ensinar esses alunos. Na figura de professor, nós podemos ter autoridade na sala de aula, sem perder esse olhar amoroso, visando uma educação emancipatória. Não podemos perder de vista que cada aluno que está na sala de aula vem de um contexto familiar, social e econômico, que a escola é um período da vida que pode ou não contribuir. A gente enquanto professor e educador, pode “matar” os sonhos e possibilidades dos nossos alunos, com formas simples, seja em palavras, gestos ou atitudes, podemos incentivá-los ou desmotivá-los, decepando seus respectivos sonhos. Devemos encorajar os nossos alunos, dizendo que não é fácil, mas somos capazes de chegar aonde queremos, basta acreditar e ir à luta constantemente. “Um bom professor de EJA” também deve promover o desenvolvimento integral de seus estudantes, favorecendo a cidadania, a inserção cultural, a construção de valores e autonomia, professores não nascem bons, eles se tornam bons. Nesse percurso de se tornar e ser “um bom professor de EJA”, a metodologia é fundamental, influenciando de forma decisiva na formação e no progresso do educando, bem como na sua autonomia, uma vez que o educador objetiva colaborar de forma significativa

com a formação de cidadãos críticos e autônomos, através de um conjunto de práticas que constituem o seu trabalho docente. É de grande importância que tais práticas sejam pensadas e, por vezes, repensadas a fim de que não ocorram equívocos ao longo da trajetória, como por exemplo, cair em no grande engano de estar formando meros “decoradores de conteúdos” ao invés de formar indivíduos que naturalmente enxerguem a importância de se apropriarem dos conhecimentos que lhes são propostos, reconhecendo a influência que esses saberes terão nas suas vidas não apenas dentro do ambiente escolar, mas fora dele, que é justamente onde os mesmos mais necessitarão ser aplicados de forma concreta.

## Referências

BARBOSA, Maria. **Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: As socializações e a escolarização no entretecer destas culturas.** Educ. Soc., Campinas, v. 28, n. 100- Especial, p. 1059-1083, out. 2007.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguística.** São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção pensamento e ação na sala de aula).

CIPRIANO, Luckesi. **Avaliação da Aprendizagem Escolar.** São Paulo: Cortez Editora, 1998, 8 ed.

Conselho Nacional de Educação (2002). Disponível em: <[http://confinteabrazilmais6.mec.gov.br/images/documentos/parecer\\_CNE\\_CEB\\_11\\_2000.pdf](http://confinteabrazilmais6.mec.gov.br/images/documentos/parecer_CNE_CEB_11_2000.pdf)> Acesso: 18 de out. de 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 34ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo, Sal e Terra, 1999.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena Introdução à Filosofia da Educação: A Escola Progressista ou a Transformação da Escola,** de Anísio Teixeira, 8ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.